

PERSPECTIVAS DA PESQUISA ATUAL DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Marcelo Módolo (USP)

DIETRICH, W., NOLL, V. (Orgs.) *O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual*. Vol. 1, Iberoamericana/Vervuert: Madrid/ Frankfurt am Main, 2004, 260 p. (Col. Linguística luso-brasileira) ISBN 84-8489-141-0 (Iberoamericana), ISBN 3-386527-109-X (Vervuert)

O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual reúne treze palestras apresentadas em um Colóquio Internacional do Centro Latinoamericano da Universidade de Münster/ Alemanha, realizado nos dias 13 a 18 de janeiro de 2003. Das grandes linhas de pesquisa do português brasileiro, o colóquio representou: I) História da Língua, três textos; II) Geolinguística, três textos; III) Contatos Linguísticos, quatro textos e IV) Norma e Uso, três textos.

A seção de História da Língua, composta por textos de Volker Noll (Westfälischen Wilhelms-Universität Münster); Heitor Megale/ Sílvio de Almeida Toledo Neto (ambos da Universidade de São Paulo) e Uli Reich (Universität zu Köln), enfatiza a importância das fontes e da perspectiva regional nos estudos sobre a formação do português brasileiro.

Mais pormenorizadamente, nessa seção, Noll em “A formação do português do Brasil” resume alguns pontos basilares que se referem à história do PB, como: a língua geral e o português, o problema da crioulização, as fontes manuscritas, a história interna da língua, linguística sincrônica e linguística diacrônica, enfatizando a necessidade da interação desses dois níveis de análise, para melhor se compreender o PB, e história da língua e atualidade. Já em “Traços de língua antiga conservados nas trilhas das

Bandeiras”, Megale e Toledo Neto descrevem o Projeto Filologia Bandeirante e apresentam trechos dos *corpora* recolhidos nas trilhas das bandeiras paulistas de fins do século XVII e ao longo do século XVIII. Há perfis dos entrevistados e trechos de entrevistas de moradores dos Estados de São Paulo (Taubaté), de Minas Gerais (Paracatu), Goiás (Catalão) e Mato Grosso (Baixada Cuiabana); também material escrito colhido em algumas localidades, que deve funcionar como contraponto para essas gravações. No final desse texto, os autores incluem uma breve comparação entre fenômenos fonéticos do português arcaico e o português gravado/ escrito coletado pelos pesquisadores desse Projeto. Reich, por sua vez, em “Contatos e naturalidade”¹, depois de tecer considerações significativas sobre a questão da “naturalidade” em lingüística, discute igualmente três características do português brasileiro: i) Consistência: pronomes sem caso morfológico, ii) Isomorfia: obrigatoriedade de pronomes sujeitos e iii) Dissimilações: vogais estáveis e sílabas salientes. Essas formam, segundo o autor, “a cara saliente do Português Brasileiro entre as línguas românicas”.

A Geolingüística, segunda seção, apresenta os atlas lingüísticos regionais e o grande projeto do “Atlas Lingüístico do Brasil”, com textos de Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal do Ceará), Suzana Cardoso (Universidade Federal da Bahia) e Maria Elias Soares (Universidade Federal do Ceará).

Em seu artigo, *As pesquisas geolingüísticas do português do Brasil*, Aragão apresenta um histórico das pesquisas geolingüísticas feitas no Brasil, os atlas lingüísticos já elaborados [Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe (2 atlas), Paraná, Região Sul do Brasil (PR, SC e RS)]; os atlas lingüísticos em realização (Ceará, São Paulo, Rio de Janeiro, Acre, Mato Grosso do Sul, Pará, Amazonas) e os atlas lingüísticos projetados (Rio Grande do Norte, Maranhão,

¹ “Naturalidade” neste contexto refere-se à “Teoria da Naturalidade”, como já a propuseram alguns lingüistas, entre eles Donegan/ Stampe 1979; Dressler 1984, 1985; Dressler et al. 1987.

Mato Grosso). Já em “Projeto Atlas Lingüístico do Brasil”, Cardoso apresenta em detalhes o projeto para a construção de um “Atlas Lingüístico do Brasil”, coordenado por um comitê nacional que reúne representação de seis universidades brasileiras (UFBA, UFMS, UFPB, UFJF, UEL e UFRGS), tendo a autora desse trabalho como diretora-presidente do comitê. Soares, por seu turno, apresenta uma breve notícia sobre pesquisas relativas ao português do Ceará e um relato mais demorado sobre “O português não padrão do Ceará”, projeto coordenado pela autora. Ela destaca o trabalho de filólogos e lingüistas, que já trabalharam com o português cearense, dentre eles, Elizabeth Helen Mckinney Jeroslow, Hamilton Cavalcante de Andrade e José Rebouças Macambira. Dão-se notícias também sobre o Projeto ALECE (Atlas Lingüístico do Ceará), o Projeto DSC (Dialeto Social Cearenses), o Projeto Porcufort (Português Culto de Fortaleza). A pesquisadora faz, ainda, um relato minucioso de produção científica já elaborada a partir de alguns desses materiais.

Já os trabalhos sobre os Contatos Lingüísticos contemporâneos levam em conta os aspectos da imigração, da emigração e das relações fronteiriças no sul do Brasil, com textos de Joachim Born (Friedrich-Schiller-Universität Jena), Wolf Dietrich (Westfälischen Wilhelms-Universität Münster), Haralambos Symeonidis (Westfälischen Wilhelms-Universität Münster) e Harald Thun (Albrechts Universität zu Kiel), em “O *environnement linguistique* nos estados do sul do Brasil: a penetração do português pelo alemão, o italiano e outros idiomas”, utiliza-se da noção de entorno lingüístico de Louis-Jean Calvet para analisar a contribuição das línguas alemã e italiana no léxico do português brasileiro. Há uma tentativa de se definir representações aloglotas alemãs ou italianas em uma série de onze quadros, que tratam de estabelecimentos comerciais, gastronomia e nome de vinhos. Já em “Os brasiguaios no Brasil: aspectos fonéticos e gramaticais”, Dietrich lança algumas hipóteses sobre o português falado pelos brasiguaios, baseadas nos dados recolhidos pelo Atlas Lingüístico Guarani-Românico (ALGR)

no Brasil, que, por sua vez, baseia-se em coleção de dados coletados no oeste do estado do Paraná e no Mato Grosso do Sul, em agosto e setembro de 1998. No terceiro artigo, “Os brasiguaios no Brasil: o uso das preposições com o verbo *ir*”, Symeonidis apresenta o uso de preposições *em* e *a* com o verbo *ir* em Mato Grosso do Sul, em duas estruturas distintas: com o nome de uma cidade e com a palavra *casa*. Segundo o autor, “A influência do guarani sobre o português, pelo menos nesta região, no uso de preposições *em* e *a* é óbvia”. Finalmente, Thun, em “O comportamento lingüístico dos brasiguaios no Paraguai visto a partir do material do *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR)*”, trata de aspectos históricos, demográficos e jurídicos, metalingüísticos e lingüísticos sobre o contato entre brasileiros e paraguaios na região fronteira do Sul do Brasil.

A última seção, “Norma e Uso”, trata da gramaticalização, da variação e de certos contínuos (sociolingüísticos) que aparecem na língua portuguesa do Brasil. Há textos de Stella Maris Bortoni-Ricardo (Universidade de Brasília), Ataliba Teixeira de Castilho (Universidade de São Paulo) e Maria Marta Pereira Scherre (Universidade de Brasília). Bortoni-Ricardo, em “Revisitando os contínuos de urbanização, letramento e monitoração estilística na análise do português do Brasil”, utiliza-se de três *continua*: o rural-urbano, o de oralidade-letramento e o de monitoração estilística na caracterização do perfil sociolingüístico de brasileiros. Em seguida, faz a análise de um falante — o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva — dentro desse quadro teórico. Já Castilho, em “Reflexões sobre a teoria da gramaticalização: contribuição ao debate sobre a teoria da gramaticalização no contexto do PHPB”, aborda basicamente três questões: (1) “Complicações teóricas nos trabalhos sobre gramaticalização”, resumindo as três fases pelas quais esses estudos passaram, isto é, gramaticalização entendida como i) do léxico para a gramática, ii) do discurso para a gramática e iii) da semântica para a gramática. Em (2), “Esboço de uma teoria multissistêmica da língua”, o lingüista delinea uma teoria dinâmica e multissistêmica da língua, que

examina a gramaticalização como um dos processos de criação lingüística, ao lado da lexicalização, da discursivização e da semanticização. Para o autor, esses quatro processos de criação lingüística são independentes uns de outros, não sendo postuláveis implícita ou explicitamente regras de determinação entre eles. O ponto central desta proposta é que o léxico é governado por um dispositivo sociocognitivo de caráter pré-verbal, por intermédio do qual o falante ativa, reativa e desativa as propriedades lexicais, dando origem às categorias discursivas, semânticas e gramaticais. Finalmente em (3) “Lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização da palavra *vez*”, o pesquisador analisa o item *vez*, sob o ângulo da Teoria Multissistêmica. Terminando o volume, Scherre, em “Norma e uso — o imperativo no português brasileiro”, discute a expressão variável do imperativo gramatical no português brasileiro no que diz respeito às formas contemporaneamente associadas ao modo indicativo (“É agora, Tonicão, *faz* o Gol!”) ou ao modo subjuntivo (“*Faça* essa bola se mexer AGORA!”). Mais detidamente, a lingüista reflete “sobre a relação entre norma e uso no português brasileiro para o imperativo singular tipo *faz ~faça, dá~dê*, à luz do fato de que estas formas alternativas ocorrem no contexto discursivo do pronome você, em enunciados afirmativos e negativos de diálogos da fala e da escrita”. Nesse trabalho, a autora “apresenta resultados estatísticos de variáveis lingüísticas que entram em jogo na escolha destas duas variantes”.

Como se observa pelo conteúdo dos treze artigos, trata-se de obra eclética, que vem bem ao propósito da *Coleção Lingüística luso-brasileira*, que tem como objetivo “fomentar uma visão da diversidade na unidade da Língua Portuguesa.